



(Estylo Luiz XVI)

BARBARO

A Tito Bettencourt.

ENROSCAM-SE-LHE ao tronco as serpentes douradas
Que, Cesar, mandei vir dos meus viveiros d'Africa.
Mima a luxuria o nu — Salomé asiatica...
Em volta, carne a arder — virgens supplicadas.

Mitrado d'oiro e lua, em meu throno de Esphinges
Dentes rangendo, olhar de insomnia e maldição
Os teus colleios vis, nas infamias que finges,
Alastram-se-me em febre e garras de leão.

Sibilam os reptis... Rojas-te de joelhos...
Sangue te escorre já da bocca profanada...
Como bailas o vicio, ó torpe, ó debochada —
Densos sabbats de cio em frenesis vermelhos...

Mas ergues-te n'um espasmo, e ás serpentes dómas
Dando-lhes a trincar teu sexo nu, aberto...
As tranças desprendeste. O teu cabelo incerto
Inflamma agora um halo a crispações e arômas.

Embalde mando arder as mirrhas consagradas:
O ar apodreceu da tua perversão...
Tenho medo de ti, n'um calafrio de espadas —
A minha carne sôa a bronzes de prisão...

Arqueia-me o delirio — e suffoco, esbracejo...
A luz enrijeceu zebrada em planos de aço...
A sanque se virgúla e se desdobra o espaço...
Tudo é loucura já quanto em redor alvejo...

Traço o manto e, num salto, entre uma luz que corta,
Caió sobre a maldita... apunhalo-a em estertor...

.

— Não sei quem tenho aos pés: se a dançarina morta,
Ou a minh'Alma só que me explodiu de cor...

Camarate — Quinta da Victoria.
Outubro de 1914.

⊗ MARIO DE SÁ CARNEIRO ⊗

(Para os «Indícios de Ouro», volume em preparação).